

MÚSICA E INCLUSÃO:
o ensino da Musicografia Braille para alunos com deficiência visual

Chandra Thais Mendes dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
c_thais13@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de traçar um relato do ensino da música na inclusão de pessoas com deficiência visual através do projeto de extensão denominado “Grupo Esperança Viva”, o qual tem o intuito de promover o acesso à inclusão e refletir sobre os paradigmas e preconceitos impostos pela sociedade. Ao longo deste artigo serão apresentados os diferentes projetos existentes na Escola de Música da universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN), bem como a questão acerca do ensino da Musicografia Braille e suas problemáticas, enfatizando a capacitação e interesse de alunos e professores na área da música e inclusão.

Palavras-chave: Música e inclusão. Deficiência visual. Musicografia Braille.

1 MÚSICA E INCLUSÃO NA PERSPECTIVA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Atualmente a questão da inclusão social tem se tornado motivo de debates, principalmente em eventos e congressos Universitários em que são discutidas ideias que viabilizem a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais dentro da sala de aula. Bertevelli (2010) deixa claro essa crescente procura de pesquisadores interessados no assunto:

Desde a década de 1990 a inclusão social, especificamente de pessoas deficientes, tem sido muito abordada entre nós, seguindo a filosofia segundo a qual todos os alunos podem aprender e fazer parte da vida escolar e social. A diversidade é valorizada, fortalecendo a todos que convivem juntos em uma mesma situação de ensino-aprendizagem. Dessa maneira, a inclusão escolar é incontestável e passa a ser foco de vários pesquisadores e educadores, mesmo não obtendo ainda os resultados que gostaríamos. (BERTEVELLI, 2010, p. 1).

A autora continua explicando que no Brasil tem acontecido esse mesmo interesse, porém agora por parte das próprias pessoas com deficiência e que uma das áreas procuradas por elas tem sido a música. E realmente nessa área podemos encontrar alguns caminhos para a inserção de pessoas com deficiência. Na escola de Música da UFRN, por exemplo, temos exemplos de projetos que começaram partindo da premissa de que a universidade deveria trabalhar com a inclusão e abrir portas para a educação dessas pessoas.

Danilo Guanais, professor e compositor, que leciona música na EMUFRN, escreveu um artigo de suma importância e que ajudou muito na inclusão das pessoas com deficiência visual e no estudo de musicografia Braille na escola de música da UFRN. Com esse artigo, publicado na ABEM de 2008, em São Paulo, ele conseguiu a atenção da escola, voltada pra esse tema bastante sensível, dando voz a essa discussão bastante pertinente.

Danilo é mais um professor extremamente engajado com o tema das aulas de música para as pessoas com deficiência visual e leis que favoreçam a inclusão social das mesmas, no campo musical. Ele afirma que:

O que chamamos tecnicamente de inclusão é, para quem é incluído, muito mais que a resolução de um problema técnico, é uma luz que se acende

para iluminar uma vida. Uma luz que cada um aprende a enxergar, segundo a necessidade específica que todos nós temos, com o seu próprio coração, que não é cego nem surdo e é lúcido. Uma luz que, por isso mesmo, brilha sempre de modo singular. (OLIVEIRA, 2008, p. 3 e 4).

Com essa publicação de 2008, Danilo Guanais, contando com a ajuda de Luís Carlos e Christiane Santos, conseguiu promover na escola de música da UFRN, um grupo de estudos voltado para a musicografia Braille.

Christiane foi extremamente importante, já que era ela quem dava as aulas de musicografia Braille para toda a equipe deste projeto, além da colaboração de Luís Carlos, que tem deficiência visual e que ajudou Danilo em sua pesquisa, relatando sobre o seu cotidiano. Ele foi extremamente importante com toda a pesquisa que Danilo fez.

A inclusão social não é só um esforço de democratização de ensino ou ampliação de oportunidades. Ela deve ser vista como um novo momento no desenvolvimento da espécie humana, uma espécie pensante, habitante de um planeta cuja natureza, mesmo sofrendo com a nossa incompetência em subsistir de forma sustentável, insiste em dar exemplos de diversidade e adaptação em toda a sua plenitude, e que vê na sua mais bem acabada realização, mecanismos de intolerância inadmissíveis. (OLIVEIRA, 2008, p. 3).

42

Um dos projetos que temos na Escola e que tem ajudado muitos alunos é o "Grupo Esperança Viva", coordenado pela professora Catarina Shin Lima de Souza. O projeto de extensão trabalha com a musicalização de pessoas com deficiência visual que apresentam quadro de cegueira total e baixa visão. De acordo com o Decreto de 5.296, de 2 de dezembro de 2004, em seu artigo 70 do inciso III a deficiência visual é definida como,

[...] cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60º; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores. (BRASIL, 2004).

Além desse projeto, a Escola de música promove um encontro sobre ensino de música para pessoas com deficiência visual. O primeiro foi no ano de 2013 no mês de novembro e o segundo nos dias 3 a 5 de novembro de 2014. Esse encontro tem o intuito de reunir pesquisadores, professores e estudantes de música dando-os

a oportunidade de discutir e refletir o ensino de música para pessoas com deficiência visual, além de ser um espaço para ampliação de conhecimentos como palestras, mesas redondas, minicursos e apresentação de trabalhos resultantes de experiências de ensino, pesquisa e extensão. A EMUFRN também trabalha atualmente com curso de Introdução à Musicografia Braille sendo ministrados por Catarina Shin e Edbergon Varela no período de 23 de março à 03 de Julho de 2015, tendo como objetivo principal auxiliar na formação de professores ensinando o básico da Musicografia Braille para que eles possam atuar com a inclusão de pessoas com deficiência visual de maneira mais completa, não se limitando portanto apenas ao ensino/aprendizagem por mera repetição ou imitação.

A EMUFRN também oferece o minicurso "cantando com a LIBRAS", ministrado pela professora Brígida Paiva. O projeto tem o interesse em ensinar aos professores a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), promovendo assim uma melhor capacitação profissional dos professores de diversas áreas, como pedagogia, música e artes, para que eles saibam a melhor forma de trabalhar com um aluno que possua deficiência auditiva, além de socializar e integralizar alunos surdos no contexto escolar.

43

O projeto Cantando com a LIBRAS consiste basicamente em, transformar músicas usadas no contexto escolar e que fazem parte da rotina dos alunos, traduzindo as canções para a língua de sinais e trabalhando da melhor maneira possível, e inserindo o aluno deficiente auditivo em sala de aula. O mini-curso é dividido em dois módulos.

O primeiro módulo tem como proposta a introdução a LIBRAS e inclusão do aluno surdo em sala de aula, cantando músicas folclóricas, de roda e sobre o cotidiano.

Já o segundo módulo, tem por finalidade trabalhar a parte mais teórica da LIBRAS, como a tradução e interpretação das músicas utilizadas em sala de aula. Lembrando que alguns sinais mudam de região para região, ou seja, um sinal utilizado na região nordeste pode significar outra coisa totalmente diferente na região sudeste. Por isso há essa preocupação com a interpretação e tradução de forma ética na linguagem de sinais.

Com essas iniciativas sobre a inclusão presentes na realidade dos alunos do curso de licenciatura da Escola de Música da UFRN, amplia-se a oportunidade de

formar estudantes e futuros professores interessados em trabalhar com a música e inclusão. Com isso, quebram-se os paradigmas e preconceitos impostos pela sociedade. Na Escola de Música essa realidade já está acontecendo, pois traz novos olhares e diferentes perspectivas sobre este assunto. O Grupo Esperança Viva veio justamente para dar esse passo rumo à educação inclusiva. O projeto que trabalha com o ensino da Musicografia Braille, bem como o ensino de vários instrumentos como flauta doce, violão, canto, contrabaixo elétrico e piano. Conta com a ajuda de várias pessoas, seja da própria instituição ou de comunidades vizinhas, monitores empenhados e apaixonados pelo trabalho que é feito e totalmente dispostos a promover um ensino de qualidade para os alunos que integram o grupo.

2 O GRUPO ESPERANÇA VIVA

O projeto de extensão "Grupo Esperança Viva", tendo por nome anterior "Curso de Flauta Doce para Pessoas com Deficiência Visual", foi fundado em 2011, na escola de música da UFRN (EMUFRN), e vem sendo coordenado por Catarina Shin, desde então. Todos os anos o projeto é reeditado, a fim de que possa explorar outras áreas e métodos de ensino, melhorando cada vez mais, ano após ano e com três objetivos principais como metas, que são:

- Proporcionar a todos os deficientes visuais a chance de se desenvolverem musicalmente estudando em uma instituição especializada em música, e ajudá-los de forma direta dando a eles a capacidade de aproveitar uma vida musical da melhor maneira possível, usufruindo de forma desejada, bem como dá-los a oportunidade de concorrer às vagas nos cursos de graduação em música, em qualquer universidade federal, na qual pedem o THEM (Teste de Habilidade Específica em Música) como um pré-requisito.
- Ser mais um espaço de auxílio para a formação dos alunos de graduação da EMUFRN, dando-lhes a oportunidade de vivências práticas com os deficientes visuais, podendo, também atuar como monitores em diversas aulas específicas, como as aulas de flauta doce e musicografia braile.

- Desfazer muitos dos estereótipos que se voltam sobre o fazer musical das pessoas com deficiência visual além de todos os preconceitos negativos sobre a capacidade artística dos mesmos.

O grupo passou a se chamar "Esperança Viva" em 2012, a partir da sugestão de um aluno chamado Juarez, além dos alunos já terem pedido um nome que definisse melhor o que é o projeto, e qual a sua importância na vida deles. Juarez disse que, o projeto Esperança Viva lhes proporcionou alegria equipe. Não era uma esperança morta, era uma esperança de algo muito bom que já está acontecendo e que se projeta para o futuro.

Atualmente, o Grupo Esperança Viva fornece aulas em vários campos da música, como por exemplo: Musicografia braile, flauta doce e transversal, violão, contrabaixo, O Projeto "Cantando com a LIBRAS" para alunos com deficiência auditiva, aulas com alunos autistas coordenado pela professora Luana Kalinka, além das aulas de música com alunos que possuem Síndrome de Down, com a professora Letícia Nascimento.

45

A equipe do projeto não conta apenas com monitores remunerados, mas, sim, com alunos voluntários da EMUFRN, que mesmo sem ganhar dinheiro, apoiam o projeto da melhor maneira possível e revezam entre si, procurando um horário disponível para que deem aulas dos instrumentos que eles têm mais facilidade.

O Grupo Esperança Viva já fez várias apresentações em diversos lugares, como o auditório da reitoria, e no departamento de fisioterapia da UFRN. Sempre fazem recitais de acordo com os convites que lhe são feitos. Os alunos do projeto têm o apoio de um carro que os busca e leva nos dias de aula e apresentações, além do auxílio do IERC (Instituto de Educação e Reabilitação de Cegos), instituto que lhes proporciona aulas de Braille.

Gessé, que é um aluno do Grupo Esperança Viva, passou para Licenciatura em Música pela UFRN em 2014, por meio do ENEM, e passando pelo teste de habilidade específica, que são pré-requisitos para ingressar no curso. Hoje em dia, ele está no terceiro período da graduação e continua fazendo parte do projeto Esperança Viva.

Sendo assim, o Grupo Esperança Viva tem como finalidade, a inclusão social e musical com pessoas que tenham algum tipo de deficiência, incapacidade ou desvantagem, além de proporcionar aos docentes da graduação em música uma

vivência com tais alunos pertencentes ao projeto, e com isso, os futuros professores ganham mais bagagem e experiência e saberão a abordagem correta ao encontrar um aluno cego em sala de aula, e terão muito mais recursos de como lidar com tal deficiência.

3 MUSICOGRAFIA BRAILLE X VISIBILIDADE

Ainda são poucas as pessoas que realmente conhecem e utilizam a Musicografia Braille. No Brasil Infelizmente muitas das universidades ainda não aderiram o ensino desse método de leitura e escrita tátil em sua grade curricular. Melo (2010) fala sobre o acesso ao estudo da música em Braille para os estudantes que apresentam deficiência visual

[...] muito do aprendizado musical das pessoas com deficiência visual se dá a partir de duas abordagens principais: a autoaprendizagem, e a musicografia Braille, essa última, através das poucas escolas especializadas que podem oferecer o ensino de música para alunos cegos. (MELO, 2010, p.39).

46

Para o mesmo autor o “acesso a partituras e estudos musicais transcritos para o Braille, oferecem um caminho para o conhecimento musical dos estudantes cegos” MELO (2010).

A Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EMUFRN) é uma das Instituições que trabalha com o sistema braile. Na modalidade de licenciatura, diferentemente da disciplina de Libras, que é obrigatória, a Escola de Música ainda tem a disciplina de Musicografia Braille como optativa. Varela e Queiroz (2013, [s/p]), antigos alunos da Instituição, hoje formados, tratam dessa questão da inclusão da Musicografia Braille na EMUFRN: “Embora a legislação nacional não indique a obrigatoriedade da oferta dessa disciplina nos cursos de graduação, a Escola de Música passou a ofertá-la diante dos vários projetos que mantém no atendimento às pessoas com deficiência visual”. Tratando-se da deficiência visual, Reily (p. 250) acredita que

[...] Profissionais dos campos da medicina, da psicologia e da antropologia interpretam a capacidade musical das pessoas com deficiência visual de diferentes maneiras, mas concordam que a música na vida de uma pessoa

com cegueira pode ter uma dimensão especialmente significativa. (REILY, 2008, p. 250).

Os alunos do Grupo Esperança Viva aprendem inicialmente o sistema Braille e suas funções e depois de um tempo os professores ensinam a musicografia Braille, que trata-se de um código de escrita e leitura musical baseada nesse sistema. De acordo com Bertevelli

Musicografia Braille é a escrita musical em relevo, utilizada internacionalmente pelos cegos, com a qual escrevemos todos os sinais de uma partitura convencional, desde a notação antiga até a música contemporânea e popular, nas diferentes formações instrumentais e vocais, tornando a música em tinta totalmente acessível aos cegos. (BERTEVELLI, 2010, p. 4).

4 DESAFIOS

Apesar de ser um ótimo método de escrita e leitura musical tátil, na musicografia existem algumas problemáticas que os músicos com deficiência visual e professores enfrentam. A falta de formação de professores interessados em atender esse público tanto em escolas de música especializadas ou regulares; a escassez de material musical em braille e a falta de cursos preparatórios para o ensino da musicografia Braille Bertevelli (2010). A autora pontua que,

É evidente que não se pode limitar a educação musical à leitura e escrita de uma partitura ou ao aprendizado exclusivamente formal desta. Todo o trabalho de musicalização deve ser evidenciado. Quanto ao acesso à música em braille, ainda encontramos lacunas nesse tipo de atuação. Para preenchê-las, ainda que de maneira simples, existem poucas instituições de deficientes visuais que se dedicam oficialmente ao ensino da notação musical em braille, à produção de material específico e à formação do educador que desenvolverá um trabalho nessa área ou que poderá receber esse aluno nas escolas regulares ou em cursos de música. (BERTEVELLI, 2010, p. 2).

5 RECURSOS TECNOLÓGICOS E METODOLÓGICOS

Mesmo com essa falta de recursos, há outras maneiras de se contornar esta situação. Nas aulas de Musicografia Braille, os alunos da graduação de Licenciatura em música aprendem a criar e desenvolver estratégias e metodologias que viabilizem um ensino de qualidade para as pessoas com deficiência visual. No

Grupo Esperança Viva, por exemplo, normalmente as ferramentas didáticas que os monitores do projeto utilizam são o Brailito, a reglete e o punção, a ferramenta de áudio descrição e o software musibraille. Silva (2001) fala da importância dos materiais e recursos para o ensino dos alunos com deficiência visual: "É de enorme interesse dotar os alunos com os materiais de que precisam em Braille, mentalizando-os de que este sistema é, por excelência, a sua escrita e leitura e é nele que sempre se devem apoiar." (SILVA, 2001, [s/p]). Além dos materiais citados, a EMUFRN dispõe de um laboratório de musicografia Braille, exclusivamente para o grupo Esperança Viva, onde são feitas pesquisas e transcrição de partituras pelos alunos, monitores e professores do projeto. Lá também ficam armazenados os materiais e recursos para o ensino da Musicografia Braille.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade em que vivemos, a deficiência de certa forma acaba criando nas pessoas uma ideia de incapacidade com relação à determinada função sendo ela física ou comportamental, mas isso não significa que não possa ser contornada ou compensada se houver meios alternativos, como adaptações, por exemplo. Louro (2003) a autora acredita que

48

Tais posturas da sociedade criam muitas vezes uma auto-exclusão do portador de deficiência. Por vivenciar constantemente situações que o inferiorizam ou o supervalorizam, passa a acreditar-se incapaz de conquistar seus objetivos ou mesmo de realizar tarefas simples com a mesma competência de um "não-deficiente". (LOURO, 2003, p. 28).

Algumas Pessoas ainda estão presas a estereótipos e paradigmas que são impostos pela sociedade. Mesmo não havendo muito interesse por parte delas, existem projetos sociais dentro das universidades que viabilizam a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais, como é o caso dos projetos de extensão da escola de música voltados para a inclusão, que mostram importância não somente para essas pessoas com necessidades especiais, mas para todos aqueles que compõem a universidade, como professores, alunos e toda a comunidade acadêmica, fazendo assim com que esses projetos se tornem acessíveis cada dia.

REFERÊNCIAS

BERTEVELLI, Isabel Cristina Dias. **Musicografia Braille: a partitura musical em braille como recurso na educação musical de cegos**. In: I Encontro de Musicografia Braille, São Paulo, 2010.

BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa; CARRASCO, Claudiney Rodrigues. **Da tinta para o Braille: a produção de partituras para pessoas com deficiência visual**. In: XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM). Salvador, 2008.

BRASIL. **Decreto Nº 5.626**, de 2 de dezembro de 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm> Acesso em: 02/05/2015.

LOURO, Viviane dos Santos. **As adaptações a favor da inclusão do portador de deficiência física na educação musical : um estudo de caso** / Viviane dos Santos Louro.- São Paulo : [s.n], 2003.

MELO, Isaac Samir Cortez de; ALVEZ, Jefferson Fernandes. **Educação Musical e Deficiência Visual: narrativa fotográfica sobre acessibilidade de um aluno cego na Escola de Música da UFRN**. In: XIX Encontro Anual da ABEM, Goiânia, 2010.

OLIVEIRA, Danilo Cesar Guanais de. **Uma luz no início do túnel: a Musicografia Braille na Escola de Música da UFRN**. In: XVII Encontro Nacional da ABEM, São Paulo, 2008

REILY, Lúcia. **Músicos cegos ou cegos músicos: representações de compensação sensorial na história da arte**. In: Cad. Cedes, Campinas, vol.28, n.75, p.245-266, maio/agosto, 2008.

VARELA, Igor Rafael Alves. **Relato de experiência com a disciplina de Musicografia Braille**. 2013. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013